



RELATÓRIO ESPECIAL

**Panorama político-eleitoral
Latino americano (2013-2016)**
A América-Latina dos três “C’s”:
continuidade, centralismo e classes médias

Madri, junho 2013

d+i LLORENTE & CUENCA

1.	INTRODUÇÃO
2.	DESENVOLVIMENTO
3.	TENDÊNCIAS REELEICIONISTAS NA REGIÃO (2013-16)
4.	CONCLUSÕES

LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO

De 2013a 2016, a maioria dos países latino-americanos renovação seus poderes executivos e legislativos. Este “comício” eleitoral será um momento propício para avaliar as dinâmicas políticas que caracterizam a região.

Especificamente para analisar dois fenômenos:

- Descobrir a tendência política dominante na área, após o chamado “giro à esquerda”, ocorrido entre 2002 e 2008, e o ressurgimento de candidatos de centro-direita entre 2009 e 2012.
- E estudar a reeleição como um sintoma, em escala regional, que mostra o hiperpresidencialismo que afeta a maioria dos países latino-americanos.

As eleições paraguaias de abril 2013, juntamente com as eleições equatorianas em fevereiro passado e venezuelanos de abril , abriram um novo ciclo eleitoral latino-americano que chegará ao fim com as eleições de 2016, quando 17 dos 18 países concluíram eleições presidenciais (apenas no México haverá eleições para além dessa data, em 2018).

Se trata, portanto, de um quadriênio crucial para comprovar a solidez da proposta de “socialismo do século XXI”, já sem Hugo Chávez, o progresso da esquerda reformista na América do Sul e a força das opções de centro-direita no México, América Central , Colômbia e Chile.

Este relatório vai analisar a realidade política latino-americana, marcada por três “C’s”: o predomínio das tendências políticas de centro (centro-esquerda e centro-direita), unida à estagnação das posições mais radicais, a continuidade dos governos no poder graças à excepcional conjuntura econômica de crescimento constante registrada desde 2003, -com a única exceção de 2009- e, em terceiro lugar, o surgimento de uma nova e heterogênea classe média na região heterogênea, com maior capacidade de consumo (e de endividamento), que explicam também esta tendência de continuidade e posições de centro.

CALENDÁRIO ELEITORAL 2013-2016

2013	Eleições presidenciais no Equador, Paraguai e Venezuela (estas três já celebradas) e em Honduras e no Chile
2014	Eleições presidenciais no Brasil, Colômbia, Bolívia, Uruguai, El Salvador, Salvador e Costa Rica
2015	Eleições presidenciais na Argentina, Guatemala e Nicarágua
2016	Eleições presidenciais no Peru e na República Dominicana

“Existem três tendências políticas e eleitorais coexistindo na América Latina. Em alguns momentos umas pesam mais que outras, mas as três estão sempre presentes”

2. DESENVOLVIMENTO

Em primeiro lugar, para explicar esta tendência ao centralismo experimentado na região, é necessário analisar (I) as diferentes tendências e (II) as dinâmicas políticas que convivem na América.

Em seguida, na terceira parte desta análise, vamos examinar a “moda” reelecionista experimentada pela América Latina.

I As três grandes tendências políticas na América Latina

Graças às eleições que acontecerão durante este quadriênio, será possível comprovar qual das três principais tendências que marcam a região têm mais peso. A ideia predominante até agora é que a América Latina experimentava ciclos que tendiam à esquerda (2002-2008) ou para a direita (2009-2012). Na verdade, a realidade mostra que a dinâmica política é mais complexa e muito mais heterogênea.

A vitória de Sebastian Piñera, no segundo turno da eleição presidencial de 2010 no Chile, parecia confirmar a tese de Álvaro Vargas Llosa sobre a existência de uma tendência à direita na América Latina (trinfo de Ricardo Martinelli no Panamá, Porfirio Lobo em Honduras e o próprio Piñera no Chile).

Esta ideia veio substituir outra que circulou desde meados da década passada, quando se falava de um “giro à esquerda” na região, após as vitórias de Hugo Chávez, na

Venezuela (1998); Lula da Silva no Brasil (2002/2006); Nestor Kirchner na Argentina (2003); Tabaré Vázquez, no Uruguai (2005); Evo Morales, na Bolívia (2005); Michelle Bachelet, no Chile (2006); Rafael Correa, no Equador (2006); Daniel Ortega, na Nicarágua (2006); Álvaro Colom, na Guatemala (2007); Cristina Kirchner, na Argentina (2007); Fernando Lugo, no Paraguai (2008); e Mauricio Funes, em El Salvador (2009).

No entanto, a América Latina não experimentou nem um “giro à esquerda”, nem à direita. A situação é muito mais complexa e variada, como complexa e variada é a região.

Existem três tendências políticas e eleitorais coexistindo na América Latina. Em alguns momentos umas pesam mais que outras, mas as três estão sempre presentes:

- **A consolidação do nacionalismo populista**

“O socialismo do século XXI”, “Chavismo” ou “Bolovarianismo” não é senão um nacionalismo autoritário, estatizante e populista. Chávez iniciou em 1998 essa tendência que, após permanecer na solidão até 2005 (com o exclusivo apoio de Fidel Castro, em Cuba), recebeu um impulso quando adicionou novos aliados, como Evo Morales, Rafael Correa e Daniel Ortega.

O ano de 2009 consolidou no poder líderes nacional-

“O ano de 2012 foi marcado pela continuidade e pela predominância das vitórias de candidaturas de centro”

populistas: Hugo Chávez venceu um referendo em fevereiro que o permitiu optar por reeleições indefinidamente; Rafael Correa ganhou a reeleição em abril de 2009; e Evo Morales fez o mesmo nas eleições presidenciais na Bolívia em dezembro do mesmo ano.

A reeleição de Correa, em 2013, e do Chavismo, em 2012/2013, não fez outra coisa que senão reafirmar esta consolidação que, no entanto, ainda não tinha visto novos atores a esta nova frente.

- **A avanço da tendência centro-direita**

Se tivesse existido um deslocamento para a esquerda entre 2002 e 2009, não entenderia como o PAN (de centro-direita) governou o México desde 2000, ou como o Urisbismo faz desde 2002 na Colômbia (com o próprio Uribe de 2002 a 2010 e agora seu rival - Juan Manuel Santos).

Do mesmo modo, essas duas figuras se uniram a Sebastian Piñera, no Chile, à figura de Porfirio Lobo, em Honduras, de Ricardo Martinelli, do Panamá ou Otto Perez Molina, na Guatemala. E mesmo em 2012, o PRI, liderado por Enrique Peña Nieto retomou o poder.

- **A força da esquerda moderada e reformista**

Além de existir importantes exceções a este hipotético “giro à esquerda” (como é o caso do México e da Colômbia), falar em geral de “giro à esquerda”, como se falava uma década atrás, não deixava de ser uma simplificação, já que era colocar, em um mesmo contexto, experiências políticas muitos diferentes, como a de Bachelet ou Lula/Rousseff (que respeitam liberdades políticas e econômicas) com as de Chávez/Maduro, Evo Morales e Correa.

Junto à tendência de centro-direita e de nacionalismo populista havia, e segue havendo, uma forte tradição de forte tradição de esquerda-reformista encarnados na região por Lula da Silva, Michelle Bachelet ou José Mujica e Tabaré Vázquez.

II Dinâmicas políticas regionais

Junto com as três tendências apresentadas é necessário sublinhar que, nos últimos anos (2010-2013), pôde ser percebido algumas dinâmicas muito afiadas na região, bem como a heterogeneidade de tendências políticas: a continuidade de certos partidos ou líderes no poder e um certo predomínio de forças centrais (tanto de centro-direita como de centro-esquerda).

“Os governos vinculados ao “socialismo do século XXI” se consolidaram, mas não conseguiram aumentar sua influência”

- **Continuismo**

O ano de 2012 foi marcado pela continuidade e pela predominância das vitórias de candidaturas de centro (centro-direita ou centro-esquerda).

Esta continuidade, como a ratificação e apoio à gestão política e econômica dos atuais governos, foi favorecido pelo panorama econômico da região, que foi marcado também pela continuidade da prosperidade econômica, ainda que algumas nuvens escuras no fundo: a possibilidade de que a crise da União Europeia acabasse infectando o resto do mundo, provocando uma desaceleração na China e o aborto da frágil recuperação dos EUA.

A bonança permitiu, por sua vez, que os governos colocassem em marcha programas sociais (as transferências diretas condicionadas), que fizeram com que importantes setores da população abandonassem a pobreza e passassem a integrar a classe média. Tudo isso fez aumentar o respaldo da população aos oficialismos atuais.

Houve continuidade, por exemplo, na República Dominicana, com a vitória do oficialismo, do “leonelismo” sem Leonel Fernandez, encarnado na figura de Danilo Medina: seu partido, o PLD, se

mantém no poder desde 2004 e permanecerá pelo menos até 2016, com a esposa do próprio Leonel Fernandez, Margarita Cedeño, agora como vice-presidente, marcando ainda mais as linhas de continuidade.

Essa continuidade se deu também na Venezuela (a vitória de Hugo Chávez, em outubro de 2012, depois ratificada em abril de 2013, com a vitória de Nicolas Maduro) e no Equador (com a reeleição de Rafael Correa, em fevereiro de 2013).

De alguma forma, a continuidade também pode ser considerado o triunfo do PRI, no México, e do Partido Colorado, no Paraguai. O PRI, de centro-direita, substituiu o PAN, também de centro-direita. E o Partido Colorado paraguaio retornou ao poder após exercê-lo de forma continuada de 1954 a 2008.

- **Centralismo**

Nos últimos cinco anos predominam as força de centro na América Latina.

Isto é percebido quando os governos vinculados ao “socialismo do século XXI” se consolidaram, mas não conseguiram aumentar sua influência. Desde 2008 não houve nenhuma outra incorporação bloco bolivariano. De fato, esta tendência política sofreu algumas perdas, como a do

“Os mandatários em exercício aspiram permanecer no poder por um ou vários períodos e, na maioria dos casos, saem triunfantes”

aliado de Chavismo, Manuel Zelaya, em Honduras (2009), ou de uma figura muito próxima, como Fernando Lugo, no Paraguai (2012).

Se 2010 foi o ano do chamado “giro ao centro” (com a vitória de Sebastian Piñerano, no Chile e Juan Manuel Santos, na Colômbia), 2011 foi o que melhor expressou a heterogeneidade ideológica da América Latina ideológica, com a vitória de um candidato de centro-direita vence na Guatemala (Otto Perez Molina) e de duas localizadas na centro-esquerda: no Peru (Ollanta Humala) e na Argentina (Cristina Kirchner).

Em 2012, esse predomínio centrista foi reafirmado com a vitória do PLD, na República Dominicana (um partido de centro-esquerda que estava mais próximo de posições mais pragmáticas ou ortodoxas) e, acima de tudo, o PRI de Enrique Peña Nieto, no México.

III A Onda reelecionista na América Latina

As reeleições de Cristina Fernández de Kirchner, em outubro de 2011; de Hugo Chávez, em outubro de 2012; e Rafael Correa, em fevereiro de 2013 só reforçaram uma tendência geral na região: os mandatários em exercício aspiram permanecer no poder por um ou vários períodos e, na maioria dos casos, saem triunfantes, reeleitos e com vitórias esmagadoras,

muitas vezes em primeira turno, com mais de 50% dos votos.

Na década de 80, quando a democracia voltou de forma generalizada à região, exceto à Cuba, em nenhum país latino-americano, exceto a Nicarágua, República Dominicana e o Paraguai, o presidente poderia ser reeleito de forma contínua. Na década de 90, quando a inclinação mudou na maioria dos países da América Latina, começou a prevalecer a tendência reelecionista. A Argentina, de Carlos Menem, após a reforma constitucional de 1994, e o Peru, de Alberto Fujimori, em 1995, contemplavam a reeleição contínua por dois mandatos consecutivos, algo que não existia nas Constituições anteriores (a de 1979, no caso do Peru, e da 1853, no caso da Argentina, permitiam a reeleição, mas em mandatos alternados).

Estes dois países iniciaram uma tendência que está se espalhando por toda a região: se uniram logo a outros países, como o Brasil, em 1997, e à Venezuela (a Constituição de 1999 autorizava apenas uma reeleição, mas uma emenda posterior aprovada em 2009, permitiu a reeleição indefinida), e na década seguinte, a República Dominicana (2002), Colômbia (2005), Equador (2008), Bolívia (2009) e Nicarágua (2010).

Em outros países, a eleição é um tema mais complicado, pois no Panamá ou na Costa Rica. Neste último país, em 2003, foi aprovada a possibilidade de reeleição alternada, pois até

“Em apenas um país, a Venezuela, se permite a reeleição indefinida”

então era proibida qualquer tipo de reeleição. Oscar Arias inaugurou esta modalidade como presidente entre 1986 e 1990 e novamente entre 2006 e 2010. No Chile, Uruguai e El Salvador, o presidente em exercício não pode candidatar-se à reeleição e para voltar a competir devem deixar passar um período presidencial (Chile, Uruguai e El Salvador).

No caso do Panamá, a explicação do porquê de reeleição imediata ser um tema complicado remonta à posse de Ernesto Pérez Balladares, em 1 de setembro de 1994, quando o nacionalismo Torrijos voltou ao poder democraticamente. Seguindo o caminho dos colegas no Peru, Argentina e Brasil, Perez impulsionou, em uma Assembleia, uma série de reformas constitucionais para permitir a reeleição presidencial por mais cinco anos. Esta pretensão do oficialismo perredista recebeu o respaldo de três pequenos partidos de centro-direita liberal: o Liberal Nacional, o Solidariedade e o Mudança Democrática. O presidente argumentou que precisava de mais um exercício para completar as reformas econômicas e conduzir sem contratempos a conta para a entrega do Canal, em 31 de dezembro de 1999, questão da maior importância para a economia nacional. Fracassado em sua tentativa de reeleição, Perez arrastou seu partido à derrota nas eleições presidenciais de 2 de maio de 1999, em que seu candidato Martin Torrijos Espino, foi derrotado por Mireya Moscoso, a quem transferiu o poder em 1º de setembro.

Atualmente, a situação sobre o tema da reeleição, é muito variado:

- Em apenas um país, a Venezuela, se permite a reeleição indefinida.
- Em seis países (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Nicarágua e Equador), a reeleição consecutiva é permitida, mas não indefinidamente.
- Em sete outros casos, só é possível depois de pelo menos um ou dois mandatos presidenciais (Chile, Costa Rica, El Salvador, Panamá, Peru, República Dominicana e Uruguai).
- Quatro países proíbem a reeleição em todos os casos (México, Guatemala, Honduras e Paraguai).

A possibilidade de reeleicionismo continua a ser uma tendência que tende a favorecer quase sempre os oficialismos e presidentes no poder. Desde o início da transição para a democracia (1978) na República Dominicana e Equador, todos os presidentes que tentaram a reeleição ganharam mais dois mandatos contínuos, menos dois: foram os casos da Nicarágua, em 1990, e na República Dominicana, em 2004.

3. TENDÊNCIAS REELEICIONISTAS NA REGIÃO (2013-16)

Agora, na América Latina, começa uma nova corrida eleitoral (2013-2016), onde será possível assistir uma verdadeira onda reelecionista.

“Vários ex-presidentes buscam regressar ao poder nos países onde a reeleição contínua não é permitida”

Entre 2013 e 2016, é possível identificar quatro tendências no que se refere ao reeleicionismo latino americano:

- Haverá **presidentes em exercício que aspiram a reeleição** (foi o caso de Rafael Correa e será o de Evo Morales na Bolívia, eleito em 2005 e reeleito em 2009, com a mudança constitucional também incluída).

Além disso, ao que tudo indica, Dilma Rousseff vai buscar a reeleição em 2014 porque sua popularidade e sua gestão a colocam como a candidato natural do PT. Juan Manuel Santos, muito provavelmente, será o candidato do partido no poder em 2014, depois de ter sido eleito pela primeira vez em 2010, como herdeiro de Uribe. Agora, longe do presidente Álvaro Uribe, provavelmente este deve tentar a reeleição confrontado com figuras procedentes do Uribismo.

O caso de Cristina Kirchner, na Argentina, é diferente. Constitucionalmente ela não poderá ser reeleita depois de chegar à presidência em 2007 e novamente em 2011. Kirchner não disse que deseja ser reeleita, mas seu círculo íntimo e organizações ligadas à atual presidente (La Cámpora) claramente apostam nisso. A chave está nas eleições legislativas de Outubro de 2013: obter votos suficientes no Congresso só com o a força do peronismo

será quase impossível. Mas o triunfo eleitoral contundente facilitaria dar sequência à reforma, aproveitando uma oposição desunida, fragmentada e sem uma liderança clara.

- **Vários ex-presidentes buscam regressar ao poder** nos países onde a reeleição contínua não é permitida.

Será o caso de Michelle Bachelet no Chile, que ocupou o cargo entre 2006 e 2010, de Tabaré Vázquez, no Uruguai, que em 2005 levou a esquerda Frente Ampla ao poder, ou de Alan García (presidente em 1985-1990 e 2006-2011) e Alejandro Toledo (2001-2005), no Peru.

Além disso, Tony Saca, presidente de El Salvador entre 2004 e 2009, soa como candidato do Movimento Unidad, à margem das grandes forças do país, Arena (seu antigo partido) e o FMLN.

- **Esposas de presidentes com aspirações de suceder seus maridos (uma espécie de reeleicionismo conjugal:** casos de Xiomara Castro, em Honduras; Sandra Torres, na Guatemala e, especula com Nadine Heredia, no Peru).

Nestor Kirchner tornou moda, em 2007, esta tendência de eleger como dirigente sua esposa, com Cristina Fernández. Atualmente duas presidentes mulheres de presidentes podem aspirar

“Se a economia regional,
e a mundial que está
vinculada à região, não
piorar, parece que
a classe média
continuará crescente”

continuar o trabalho de seu marido. No Peru aparece com força a figura de Nadine Heredia, esposa de Ollanta Humala, mas para que isso aconteça, deve haver uma reforma da lei eleitoral ou uma nova interpretação da Constituição, concedendo poderes permissões que estão acima da anterior.

Na América Central, depois do fracasso de Sandra Torres, na Guatemala, em lutar pela disputa à presidência, em 2011 (mesmo tendo se divorciado do marido, o presidente Álvaro Colom, para contornar as restrições constitucionais), Xiomara Castro, a esposa de Manuel Zelaya, presidente de Honduras entre 2006 e 2009, ergue-se como a candidata da esquerda para as eleições de 2013.

Do mesmo modo, a própria Sandra Torres, já sem impedimentos constitucionais (seu ex-marido deixou de ser presidente em 2011), foi proclamada candidata à Presidência pelo seu partido, a União Nacional da Esperança, cujo conselho político é chefiado pelo ex-presidente (e ex-marido), Álvaro Colom.

- Países onde não é permitido qualquer tipo de reeleição (o caso recente do México e Paraguai e o que deve integrar a lista, como Honduras -2013- e Guatemala em 2015).

4. CONCLUSÕES

Após esta revisão do panorama eleitoral latino americano para os próximos quatro anos, é possível recolher as seguintes conclusões:

- Podemos dizer que desde 2009 o eleitorado latino-americano está pendendo, em sua na grande maioria, a favor das tendências moderadas e de centro. E se há mudanças econômicas traumáticas, tudo indica que esta tendência continuará neste período.

O comportamento do eleitorado é pragmático: evita opções radicais e se inclina à continuidade que garante a estabilidade e o progresso econômico. Este comportamento eleitoral que dá preferência a opções de centro tem sido favorecida pela boa situação econômica vivida pela América Latina e a ascensão da classe média.

Mesmo onde são impostas as tendências do “socialismo do século XXI”, isso é feito porque estes regimes têm fortes lideranças carismáticas (Rafael Correa ou Evo Morales), que impuseram políticas econômicas ortodoxas e graças ao aumento das receitas provenientes das exportações os permitiram implantar políticas clientelistas. No entanto, é interessante notar foram mantidas exportações de matérias-primas, pois estes países conseguiram atingido

um salto significativo para a industrialização de insumos básicos que produzem.

Se a economia regional, e a mundial que está vinculada à região, não piorar, parece que a classe média continuará crescente e só alimentará as tendências centristas tanto de esquerda como de direita, e fortalecerá as dinâmicas centristas e continuistas de preferir as opções que até agora governaram, pois sob essas administrações os países têm vivido estabilidade econômica e desenvolvimento social.

- **Assim como as tendências de centralismo e por políticas moderadas, o centralismo tornou-se uma das principais características da região.**

A efervescência reelecionista não faz outra coisa senão confirmar que **os sistemas políticos da maioria dos países latino-americanos têm problemas similares** que propiciam a tendência a aderir à reeleição como um remédio para a falta de credibilidade dos partidos políticos frente à opinião pública e o eleitorado, à perene debilidade institucional, à tendência inata ao clientelismo e ao excesso de personalismo. Na verdade, uma das “vitórias” que devem ser reconhecidas nesses líderes que surgiram na América Latina é que eles conseguiram deslegitimar partidos e políticos e tradicionais, o que faz com que nestes.

O colapso dos sistemas partidários em muitos países, as debilidades dos poderes judiciários e legislativos levou à concentração de poderes constitucionais e metaconstitucionais na figura do presidente, o que é conhecido como “hiperpresidencialismo”. O “hiperpresidencialismo”, que traz a reeleição contínua como uma forma de legitimar plebiscitariamente o líder carismático, mesmo com o declínio institucional, potencializa a política personalista, anula a divisão de poderes e dificulta o controle sobre a gestão do executivo.

Essa hiperpresidencialismo, em algumas ocasiões (como nos casos da Venezuela, Equador e Bolívia) leva ao chamado “autoritarismo competitivo”, que é bem explicado pelo cientista político Steven Levitsky:

“Se a Venezuela não é ditadura nem democracia, o que é? É autoritário competitivo, como o Peru de Fujimori. Ao contrário de ditaduras militares ou de partidos únicos, o autoritarismo competitivo é um regime híbrido: há instituições democráticas que são apenas fachadas. Existem meios de comunicação independentes e partidos de oposição, e oposição compete seriamente pelo poder (às vezes ganha, como na Nicarágua, em 1990)... Compete um campo irregular. Têm menos recursos, menos acesso aos meios de

comunicação, seus líderes e ativistas sofrem vários tipos de assédio e descobrem que, em vez de ser árbitros neutros, as instituições do Estado (Poder Judiciário, órgãos eleitorais, Sunat) são usados como armas contrárias. Jorge Castañeda descreveu as eleições de 1994 no México -outro caso de autoritarismo competitivo- , como um jogo de futebol em que os arcos são de tamanhos diferentes e uma equipe tem 11 jogadores mais o árbitro e do outro time tem seis ou sete jogadores” . A segunda equipe pode ganhar, mas é muito difícil”.

Fenômenos como o “autoritarismo competitivo”, o reeleicionismo e o hiperpresidencialismo deterioram as instituições democráticas. A maioria dos países da região são democracias plenas ou incompletas, com eleições livres com liberdades civis, condições necessárias para a democracia, mas não o suficiente para consolidar uma democracia plena se não está acompanhada de um governo transparente, participação política e instituições fortes e credíveis.

As eleições são um componente essencial da democracia. Mas, sem instituições democráticas fortes e transparentes (um marco constitucional e organizações que surgem como consequência dele), que operem entre períodos eleitorais, a liberdade não será protegida, nem os direitos das minorias, nem os direitos humanos.

Finalmente, as democracias com instituições fracas são mais vulneráveis à corrupção e mais propensas a favorecer um partido político que está no poder por um longo período. Além disso, as democracias com uma institucionalização fraca podem retroceder e acabar caindo em regimes autoritários. A presença de instituições sólidas, com prestem contas, impede ou dificulta tendências autoritárias.

Portanto, o desafio a curto prazo para os países latino-americanos é fortalecer as instituições políticas para preservar a democracia na região e evitar os riscos de reeleicionismo e hiperpresidencialismo.

LLORENTE & CUENCA

CONSULTORES DE COMUNICAÇÃO

Consultoria de Comunicação líder na Espanha, Portugal e na América Latina

A LLORENTE & CUENCA é a primeira consultoria de Comunicação da Espanha, Portugal e América Latina. Conta com 14 sócios e 300 profissionais que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividades, com operações voltadas para o mundo que fala espanhol e português.

Atualmente, possui escritórios próprios na Argentina, Brasil, Colômbia, China, Equador, Espanha, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana. Além disso, através de empresas afiliadas, oferece seus serviços nos Estados Unidos, Chile, Bolívia, Uruguai e Venezuela.

Seu desenvolvimento internacional levou a LLORENTE & CUENCA a tornar-se, em 2010 e em 2011, uma das 50 mais importantes empresas de comunicação do mundo, de acordo com o Ranking Mundial produzido anualmente pela publicação The Holmes Report.

Organização

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jalorente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero
Diretor Corporativo de Reputação e Inovação
jcachinero@llorenteycuenca.com

IBÉ,RIA

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor Geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Diretor Geral
acorujo@llorenteycuenca.com

Madrid

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente de Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sênior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Juan Castellero
Diretor Financeiro
jcastillero@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 – planta 3
28001 Madrid (Espanha)
Tel: +34 91 563 77 22

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora-Geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona (Espanha)
Tel: +34 93 217 22 17

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
madalena.martins@imago.pt

Carlos Matos
Sócio
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)
Tel: + 351 21 923 97 00

AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO da América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO da América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonio Lois
Diretor Regional de Recursos Humanos
alois@llorenteycuenca.com

Bogotá

Juan José Berganza
Diretor Executivo
jjberganza@llorenteycuenca.com

Germán Jaramillo
Presidente Conselheiro
gjaramillo@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501
Bogotá (Colômbia)
Tel: +57 1 7438000

Buenos Aires

Pablo Abiad
Diretor Geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad
Presidente Conselheiro para o Cone Sul
emorad@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Ciudad de Buenos Aires (Argentina)
Tel: +54 11 5556 0700

Lima

Luisa García
Sócia e CEO da região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro - Lima (Peru)
Tel: +51 1 2229491

México

Alejandro Romero
Sócio e CEO da América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

Juan Rivera
Sócio e Diretor Geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas # 22 – PH7
05120 Bosques de las Lomas (México)
Tel: +52 55 52571084

Panamá

Javier Rosado
Sócio e Diretor Geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Avda. Samuel Lewis. Edificio Omega, piso 6
Tel: +507 206 5200

Quito

Catherine Buelvas
Diretora Geral
cbuelvas@llorenteycuenca.com

Av. 12 de Octubre 1830 y Cordero.
Edificio World Trade Center, Torre B, piso 11
Distrito Metropolitano de Quito (Equador)
Tel: +593 2 2565820

Rio de Janeiro

Juan Carlos Gozzer
Diretor Executivo
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 – sala 1801
Rio de Janeiro - RJ (Brasil)
Tel: +55 21 3797 6400

São Paulo

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jalorente@llorenteycuenca.com

Alameda Santos, 200 – Sala 210
Cerqueira Cesar. SP 01418-000 (Brasil)
Tel.: +55 11 3587 1230

Santo Domingo

Alejandra Pellerano
Diretora Geral
apellerano@llorenteycuenca.com

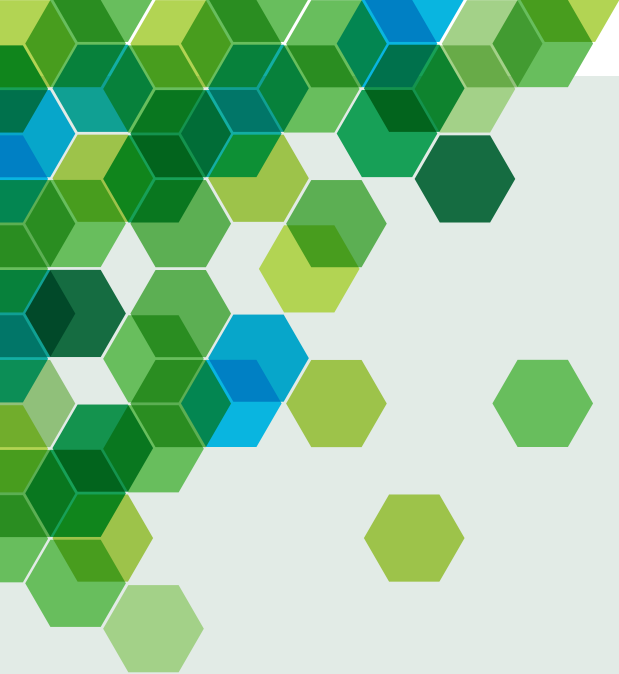
Avda. Abraham Lincoln
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel: +1 8096161975

ÁSIA

Beijing

Sergi Torrents
Diretor Geral
storrents@grupo-11.com

2009 Tower A. Ocean Express
N2 Dong san Huan Bei Road, Chaoyang District
Beijing (China)
Tel: +86 10 5286 0338



A d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

A d+i é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

A d+i é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe d+i LLORENTE & CUENCA.

www.dmasillorenteycuenca.com

d+i LLORENTE & CUENCA